



FAZ UM MILAGRE EM MIM! A PRODUÇÃO, OBRA, RECEPÇÃO E SENTIDO DA CANÇÃO DE CARÁTER RELIGIOSO NO CONTEXTO DA MUSICOTERAPIA EM SAÚDE MENTAL

FAZ UM MILAGRE EM MIM! THE PRODUCTION, WORK, RECEPTION AND MEANING OF THE SONG OF RELIGIOUS CHARACTER IN THE CONTEXT OF MUSIC THERAPY IN MENTAL HEALTH

Josely de Moraes Antonio Alano¹

Resumo:

Diante da presença constante da canção gospel "Faz um milagre em mim" nas sessões dos estágios em musicoterapia no Hospital Getúlio Vargas em Sapucaia do Sul, observou-se a necessidade de refletir pontualmente sobre esta constância. Para isto, buscou-se nas pistas oferecidas pela análise musical a base teórico-sonora para as formas de interpretação e recepção da obra, e nos aspectos da subjetividade e sintomas relacionados e compartilhados na experiência musical da sessão musicoterapêutica, a escolha e preferência pela canção em particular. A abordagem metodológica baseia-se na proposta de análise tripartite de Molino-Nattiez sobre os níveis de produção-obra-recepção musicais, em consonância com os pressupostos da Logoterapia e Análise existencial de Viktor Frankl. Conclui-se que a experiência musical através das canções religiosas trazidas nas sessões de musicoterapia no contexto de saúde mental, pode ser um caminho para autotranscendência, um outro aporte terapêutico necessário para organização pessoal e autônoma e na busca por um sentido.

Palavras-chave: Musicoterapia. Saúde mental. Logoterapia. Análise musical.

Abstract:

Faced with the constant presence of the gospel song "Faz um milagre em mim" in the music therapy internship sessions at the Getúlio Vargas Hospital in Sapucaia do Sul, the need to reflect on this constancy was observed. For this, we sought in the clues offered by musical analysis the theoretical-sounding basis for the forms of interpretation and reception of the work, and in the aspects of subjectivity and symptoms related and shared in the musical experience of the music therapy session, the choice and preference for this particular song. The methodological approach is based on the tripartite analysis proposed by Molino-Nattiez on the levels of musical production-work-reception, in consonance with the assumptions of Logotherapy and Viktor Frankl's existential analysis. It is concluded that the musical experience through religious songs brought in music therapy sessions in the context of mental health, can be a path to self-transcendence, another therapeutic contribution necessary for personal and autonomous organization and in the search for meaning.

Keywords: Music Therapy. Mental Health. Logotherapy. Musical analysis.

¹ Graduada em Composição e Regência pela UNESP-SP/1994. Mestre em Ciências da Religião pela UMESP-SP/1997. Doutora em Teologia pelas Faculdades EST-RS/2014. Graduanda em Musicoterapia pelas Faculdades EST, São Leopoldo, Rio Grande do Sul. Email: joselyantonio@gmail.com

Introdução

A Musicoterapia passou a marcar presença no Hospital Getúlio Vargas (HGV), pertencente ao Sistema Único de Saúde (SUS), desde maio de 2022, através do convênio entre as Faculdades EST e o HGV, ampliando possibilidades de estágio específico na área da Saúde. Desde então, canções de diversos gêneros preenchem as tardes de segunda-feira na unidade de Saúde Mental. Dentre estas, as de caráter religioso, como “Faz um milagre em mim”, conhecida como Zaqueu.² É a música de cunho religioso mais cantada na ala de Saúde Mental. Esta presença constante despertou o interesse pela pesquisa.

Para analisar as pistas sonoras que surgiam a cada vez que se cantava “Zaqueu” pelas pessoas atendidas (pacientes), levou-se em consideração três frentes principais, sempre considerando a pessoa atendida como núcleo da análise. A primeira, considerou os parâmetros do som, a fim de buscar a base teórico-sonora para as formas de interpretação e recepção da obra: duração, intensidade, altura e timbre, bem como a macroestrutura musical: melodia, harmonia e ritmo.

A segunda, amparando a observação e compreensão da experiência musical em si, os níveis de produção-obra-recepção a partir da proposta de análise tripartite de Molino-Nattiez. E a terceira, em consonância com análise da experiência musical, os pressupostos da Logoterapia, de Viktor Frankl, sobre a busca de sentido e o nível espiritual. Por fim, compreender o lugar da canção religiosa em sessões de musicoterapia no contexto de Saúde Mental.

Suspeita-se que o processo vivido e sentido enquanto a música acontece, ou seja, enquanto a música se faz presente no tempo e espaço através das canções religiosas, no contexto e no caráter das sessões de Musicoterapia na Saúde Mental, possa ser um caminho para autotranscendência, além do encontro do sentido almejado. A Musicoterapia pode ser, ainda, um outro aporte terapêutico, dentre os demais já oferecidos, necessário para organização pessoal e autônoma para qualidade de vida, promoção da saúde, na busca por um sentido, pois considera todas as possíveis dimensões do ser humano.

² Tornou-se a canção mais conhecida do álbum musical intitulado *Compromisso* do compositor Régis Danese em 2008. Disponível em: <https://som13.com.br/regis-danese/albums/compromisso>.

Ambientação e inquietações

Que lugar é esse chamado “Hospital”? Ali, o tempo é outro. O espaço de circulação é reduzido, não há privacidade, não há liberdade, tudo é compartilhado, não há relógios ou referências ao tempo cronológico. Ali se vive um outro tempo. Os espelhos que refletem a pessoa são os outros, as palavras nem sempre são propriedade do indivíduo, o que se espera de um é para todos. Há uma conduta esperada e outra vivida. O tempo parece não existir, há uma sensação de estar sempre no mesmo lugar e no mesmo instante.

Quando chega a música, movimentos acontecem, um outro lugar se constitui. Surgem canções, uma roda logo se faz, e as perguntas feitas pelo sentido que as canções carregam em si são respondidas gradativamente, sem verbalização. A nova ordem estabelecida, constituída pelo ritmo, pela melodia, pela harmonia presentes na canção, mediados pela linguagem não-verbal (música), dão pistas para o início do processo de auto-organização, autopercepção e percepção dos outros, gerando bem-estar, formando uma ideia de direção, de constituição de um sentido, estruturando a realidade:

Os elementos da música (altura, duração, timbre e intensidade) exigem uma precisão surpreendente. Todos os sentidos nos levam a conhecer aspectos da realidade. A realidade musical e sua estrutura são valiosos meios terapêuticos.³

Após convênio firmado entre a Fundação do Hospital Getúlio Vargas e as Faculdades EST, representado pelo bacharelado em Musicoterapia, iniciou-se semanalmente o atendimento musicoterapêutico com os pacientes da Saúde Mental. A prevalência do tratamento psiquiátrico é primordialmente medicamentosa, contando com o apoio da psicologia, terapia ocupacional, atendimento e cuidado pela enfermagem, e a Musicoterapia, recém-chegada.

Desde as primeiras sessões no HGV, a canção “Zaqueu” marcou presença, sendo rotineiramente repetida em uma única sessão. As primeiras questões começaram a surgir: por que aparece com frequência música de caráter religioso por pessoas atendidas em Saúde Mental? Seria algo particular do Hospital em questão, ou comum a outros lugares de mesma característica? Que sentido teria a música para a pessoa atendida, para os médicos e para o musicoterapeuta? Como a canção pode ganhar objetividade e se tornar terapêutica? Haveria diferença em atingir o objetivo terapêutico, que no contexto de Saúde Mental possui singularidade, com ou sem a presença de uma canção religiosa na sessão? Até que ponto seria a produção ou condução deste tipo de canção um

³ GASTON, Thayer E. *Tratado de Musicoterapia*. Buenos Aires: Paidós, 1968, p. 40.

delírio? Cantar a canção sem objetivo seria iatrogênico⁴? Ou ainda estaria no limiar entre o real e o imaginário transformando o delírio na busca de um sentido?

Questões colocadas e sem a pretensão de responder a todas, considerar principalmente o lugar da música e da pessoa no contexto da Saúde Mental foi o próximo passo. Neste lugar acontece a obra musical, a canção. “Zaqueu” passa a ser, neste contexto, a obra musical, que é produzida e recebida por todos os agentes do processo, partindo das próprias pessoas atendidas e estendendo-se aos musicoterapeutas, médicos, enfermeiros, familiares, colaboradores em geral do hospital. Desta forma, os níveis de produção, recepção e obra, precisam coexistir com outros lugares, como a pessoa, o contexto, a sessão de musicoterapia.

O lugar da pessoa é o que diz respeito ao indivíduo, à sua singularidade, ao que é íntimo e pessoal e que ao mesmo tempo é compartilhado com outros indivíduos. É o lugar de onde parte a busca por um sentido, e de onde se espera encontrá-lo de alguma forma. É o corpo que se situa no tempo e espaço, dividido em buscar e encontrar resposta e equilíbrio, em conectar corpo e espírito que em algum momento se desconectou. É lugar de espera de um milagre, muitas vezes e contraditoriamente, sem esperança. É neste espaço que acontece o despertar para o sentido, particular, individual e único provocado pela canção.

A sessão em Musicoterapia diz respeito ao lugar da experiência musical que também é experiência de vida, noção da própria existência. O que se vive ali? O que se escuta, se vê, se sente, se perde, se encontra? É lugar de encontro, de escolhas, de estabelecer vínculos. É lugar de percepção de si e da outra pessoa, o musicoterapeuta, conduzido por um diálogo que se estabelece na música. Esta, é o idioma que estabelece o ponto de partida para a comunicação e conecta os contextos e lugares. É neste espaço que o processo é efetivado e produz movimentos de autopercepção, autonomia e liberdade de escolha.

Da moradia, ainda que temporária ou até definitiva, o espaço da Saúde Mental dentro de um Hospital, é o lugar da casa. É onde o indivíduo se aloca, é a intimidade, onde surgem as condições corriqueiras da vida, mas também as mais complexas. Tem tempo e espaço definidos cronologicamente, pois acontece todas às segundas-feiras no período da tarde, no espaço definido e pequeno, entre 15 horas e 16 horas e 20 minutos, e que precisa ter hora para começar e finalizar. É neste espaço que é possível se dar conta da existência de outras pessoas, as que habitam na

⁴ Relacionado ao princípio da Bioética da não maleficência quando se pensa em promoção da Saúde em Musicoterapia.

mesma casa, e que, de alguma forma, as existências buscam cada uma seu sentido. Abre-se caminho e espaço para autotranscendência.

Primeira pista: em busca do significado

Qual seria, então, o significado da canção “Zaqueu” para a pessoa atendida e para o/a musicoterapeuta no contexto de Saúde Mental? Por quais caminhos sonoros poderiam trilhar a busca do significado, levando em consideração a música como realidade imanente, e ao mesmo tempo para o transcendente? Desta indagação surgiu a possibilidade de conexões entre a Musicoterapia e a Logoterapia, pois ambas dão conta da busca de direções semelhantes, o sentido para a existência.

Para considerações da música em Musicoterapia, considerou-se a análise tripartite proposta por Jean Jacques Nattiez. Esta análise está baseada no modelo semiológico tripartite de Molino e surge como possibilidade para a leitura e compreensão do ponto de intersecção entre Musicoterapia e questões do Espírito.⁵ A análise tripartite consiste na proposição de três dimensões de análise simbólica, dimensões em níveis chamados de poético, estético e neutro, onde está a música por excelência, e por onde passa a análise da canção aqui proposta. Forma simbólica, porque “toda produção humana, quer se trate ela de um enunciado linguístico, de uma obra de arte, de um gesto estético ou de uma ação social, tem uma realidade material”,⁶ e um símbolo é uma realidade material. Na relação com a Musicoterapia, compreende-se as técnicas de audição, criação, recriação e improviso.⁷

Dos três níveis propostos, denomina-se de poético o nível de produção da obra, da criação em si. Processo que pode compreender tanto a ideação e concepção criadora da obra como a descrição das partes da música e seus elementos, e que têm significações que podem pertencer ao universo da pessoa emissora, seja do compositor ou de quem está no momento tomando este lugar. Em Musicoterapia pode-se dizer que esse lugar é o da recriação, da criação que se dá a partir do fazer musical da pessoa atendida.

O nível estético compreende o nível da recepção da obra do ponto de vista da pessoa ouvinte, da intérprete. O receptor constrói a significação da mensagem num processo ativo de

⁵ NATTIEZ, Jean Jacques. *O combate entre Cronos e Orfeu* – ensaios de semiologia musical aplicada. São Paulo: Via Lettera, 2005.

⁶ NATTIEZ, 2005, p. 10

⁷ BRUSCIA, Kenneth E. *Definindo musicoterapia*. Barcelona: Barcelona Publishers. 3ª edição, 2016.

percepção, ou de forma musicoterapêutica, processo de autopercepção. Considera-se os resultados gerados pelo vínculo pessoa atendida-musicoterapeuta a fim de promover, prevenir e tratar condições que afetam a Saúde Mental.

O nível neutro, também chamado de imanente ou nível material, considera a obra como objeto. É importante que não se confunda com uma neutralidade desejável de quem analisa, a análise do próprio objeto, a obra. Portanto, a canção “Zaqueu”, especificamente neste caso, se torna objeto para análise. Aqui estão também os elementos musicais, melodia, ritmo e harmonia e todos os seus desdobramentos.

Por fim, a Logoterapia ao tratar da dimensão da existência humana traz a condição de que, para que o indivíduo tenha noção de sua existência, precisa confrontar com a existência do outro, ou ainda de um sentido. É preciso não ver a si mesmo ou mesma para que se enxergue a própria existência. Fala-se em propósito de vida, em missão, mas pouco sobre a existência em si, o sentido de perceber essa existência.

Segunda pista, em busca da sonoridade: O movimento de “Zaqueu”

A sonoridade de uma obra pode ser comparada ao processo de um novelo que se desvela no desenrolar do fio, que é contínuo, único. A sonoridade pode ser audível, perceptível, modelável, renovável, ressignificável, silenciável, permeável, e segue adiante a lista de possibilidades.

Cantar sobre um “Zaqueu”, personagem cuja história é narrada no Livro de Lucas 19.1-10 na Bíblia,⁸ alguém que é cantado e motiva pelo seu feito, é algo que faz pensar sobre as motivações que nos cercam. Qual seria o ponto de partida para compreender o Zaqueu da canção, que fala de alguém que possuía riquezas, que deveria se preocupar com sua posição, mas que sai do lugar de inércia quando sobe em uma árvore? Este movimento, sem se importar sobre o que iam pensar dele, parece dar indícios de que pode ser o ponto de partida para a busca de sentido para sua existência.

A Bíblia relata que esse Zaqueu da canção soube que Jesus estava na cidade, e procurando encontrar-se com ele não o “enxergava”, pois tinha baixa estatura. Nesse inusitado encontro, onde as posições diferentes de ambos, um sobe em uma árvore e o outro permanece no chão, o Zaqueu da canção é convidado por Jesus para compartilhar a intimidade. O que está na posição mais alta é

⁸ BÍBLIA. Novo Testamento. Lucas 19.1-10. In: BÍBLIA. Português. YouVersion (online). Tradução Nova Almeida Atualizada. Disponível em: <https://www.bible.com/pt/bible/1840/1CO.11.NAA>. Acesso em 01/11/2022.

convidado pelo que está na posição mais baixa para jantar. Há uma inversão de valores e posição de autoridade.

É neste contexto que acontece a percepção da existência, da responsabilidade sobre ela e da perspectiva de mudança de direção na vida. Enquanto se canta “Zaqueu”, algo acontece na experiência musical que vai além da concepção e criação da canção. Os elementos musicais como melodia, harmonia e ritmo vão tecendo o discurso sonoro que traz à tona uma intenção, desnuda a identidade sonora – ISO⁹ de quem canta, provoca uma intenção e dá indícios da busca por algum sentido.

A melodia pode denotar a emoção contida na intenção do canto. A melodia de “Zaqueu” é especialmente construída em graus conjuntos, semelhante à uma escada, onde cada degrau é pensado e construído para que se dê passos firmes e conduza ao lugar onde se pretende chegar da forma mais clara e simples possível. Cada degrau de altura é suporte para que as outras alturas soem, em “Zaqueu” com movimento preponderante descendente. Cada vez que a frase musical inicia, evita o primeiro grau da escala e denota emoção e sentimentos embotados. No diálogo com outra melodia, denominado de contraponto, a voz da pessoa atendida que canta se retrai, o timbre se apresenta quase sempre escuro, sem tónus, flácido, soproso ou anasalado, latente e rígido.

O ritmo responde pela cinética, pela direção, pela organização e estrutura, pela condução primária da intenção musical. Organiza o tempo, organizando a pessoa, mas é repetitivo no “Zaqueu” da Saúde Mental. Seu movimento é reduzido, desordenado. O andamento é lento. Os compassos são flexíveis, ora se contraem ora se dilatam. Os acentos são deslocados, há pausas e silêncios mais prolongados do que os propostos na canção original. Torna-se um “Zaqueu” pessoal para uma busca de sentido individual.

A harmonia, se pensada do ponto de vista da concordância, parece estar em discordância com o “Zaqueu” cantado originalmente pelo compositor. Por outro lado, a Harmonia Funcional¹⁰ traz a ideia de conjuntos e relações dentro do contexto sonoro da música. “Zaqueu” é baseada em blocos de acordes, que são como conjuntos de combinações sonoras pré-fixadas, que seguem sempre na mesma sequência demonstrando com funções determinadas e fixas uma certa rigidez, ao mesmo tempo podem trazer conforto e segurança. O confronto do racional versus emocional dá suporte à ênfase de palavras-chave da canção que pode ser observado pelos movimentos de

⁹ ISO: Identidade Sonora única e singular que caracteriza uma pessoa, do grego “igual”. Conceito formulado em 1944 por Ira Altshuler que considerava a relação da música da pessoa e seu estado mental, e reformulado por Benenzon, considerando também os sons que são introjetados pelo ser humano tanto como indivíduo como ser social.

¹⁰ Refere-se ao estudo das sensações transmitidas quando se ouve um acorde.

repouso – tensão – afastamento ou aproximação, sucessivamente. Chamam-se estas funções de tônica, dominante e subdominante.¹¹

Para a leitura de cada elemento que se desvela na sonoridade trazida pela pessoa atendida na sessão em Musicoterapia, é preciso unir os pontos, ter sentido, estabelecer vínculo. A música é a linguagem para a comunicação que se estabelece e tem sua singularidade. A forma como se coloca a voz, o andamento conferido à canção, as pausas prolongadas ou encurtadas, a entoação das alturas, e outros, conferem múltiplas leituras possíveis de Zaqueu. É na experiência musical, na condição de estar na música com o outro que se estabelecem essas leituras, geradas pelo vínculo entre musicoterapeuta e pessoa atendida, e permite retomar o “fio da meada” quando este parece perdido.

Terceira pista: em busca do sentido

Por que não cantar, se na dimensão da música há o confronto com o outro, portanto gerando mudança, revelando o que tem de profundo e escondido? É aqui que entra a Logoterapia como parceira da Musicoterapia partilhando de algo comum quando se trata da pessoa e de sua percepção sobre a própria existência, a dimensão espiritual do ser. Portanto, Logoterapia, como análise existencial que é, reconhece na pessoa a dimensão ‘noológica’ situada além do psicofísico, numa visão mais ampla que inclui o espiritual entendida não apenas como dimensão religiosa, mas valorativa, intelectual e artística.¹²

Quando se fala em espírito pensa-se em religião. Viktor Frankl discorda de Freud, que considerou a religião como “neurose obsessiva da humanidade”. Ou ainda, como “uma invenção humana destinada a remediar um desamparo existencial que perdura.”¹³ Frankl considera a religião um fenômeno humano ao estabelecer relação entre logoterapia e teologia.¹⁴ Guardando os devidos limites e distanciamentos, amplia-se as relações para psicoterapia e saúde mental, teologia e salvação das almas. E ao incluir a Musicoterapia, prevenir e tratar a fim de promover a saúde na integralidade do ser, desvia-se da religião como fenômeno construído para explicar o espiritual, passando integrar a dimensão espiritual como experiência do ser.

¹¹ “Função Tônica: refere ao repouso, estabilidade e finalização. Dominante: instabilidade e tensão. Subdominante: preparação com menor intensidade, gera sensação de afastamento ou aproximação. Disponível em: <https://descomplicandoamusic.com.br/harmonia-funcional>. Acesso em 05/11/2022.

¹² FRANKL, Viktor. *A presença ignorada de Deus*. São Paulo: Editora Vozes & Editora Sinodal, 2016.

¹³ Disponível em <https://acasadevidro.com>. Acesso em 15/11/2022

¹⁴ FRANKL, 2016, p. 10.

A Logoterapia, ao tratar da dimensão da existência humana, traz a condição de que, para que o indivíduo tenha noção de sua existência, precisa se confrontar com a existência do outro, ou ainda de um sentido. É preciso não ver só a si mesmo para que se enxergue a própria existência. Pertence ao senso comum falas genéricas sobre propósito de vida, missão, mas pouco sobre: o que vai além: para que existo? Qual o sentido da minha existência? Quem sou eu? E outras questões que conduzem ao ser que transcende a si mesmo, autotranscendência.

O lugar do encontro: Do espiritual e da Musicoterapia

Há um canto insistente que não é a voz de Zaqueu, nem de Jesus, mas da própria pessoa atendida. É um canto latente, muitas vezes duro, outras vezes manso. A voz da pessoa atendida que se projeta no personagem desconhecido insiste em se tornar conhecida, e por isso se canta quantas vezes for preciso. A pessoa atendida quer ser ouvida, passando à categoria de “pessoa percebida”.

Pensando de forma analógica na situação da pessoa atendida no contexto de Saúde Mental: e se Zaqueu fosse medicado antes, será que ele tomaria consciência de si e subiria na árvore? Seria o canto insistente de “Zaqueu”, a história de alguém que estava à procura *do seu sentido*, comparativamente segundo a narrativa bíblica representada na canção, uma tentativa da pessoa atendida de encontrá-lo também?

E não seria pelos caminhos da música, no espaço musicoterapêutico, que é espaço de produção, de recepção, de escuta e confronto com a obra, o lugar do encontro com o sentido? Ou ainda, não estaria no canto insistente de “Zaqueu”, na representação das histórias dos que buscam *o seu sentido* em meio ao lugar das mais profundas neuroses, cujos processos são desencadeados na música, a capacidade de autotranscendência?

A fim de reforçar a importância da dimensão espiritual para a Musicoterapia, destacam-se duas definições. Ambas contemplam a dimensão espiritual como uma das formas para constituição do que se denomina Saúde: “Musicoterapia é um processo interpessoal no qual o terapeuta utiliza a música e todas as suas facetas física, emocional, mental, social, estética e espiritual para ajudar o cliente a melhorar, recuperar ou manter a saúde”.¹⁵ E da Federação Mundial de Musicoterapia:¹⁶ Musicoterapia é a utilização profissional da música e de seus elementos como uma intervenção médica, educacional ou cotidiana em indivíduos, grupos, famílias ou comunidades que buscam

¹⁵ BRUSCIA, 2016, p. 270

¹⁶ Disponível em: <http://www.musictherapyworld.net/WFMT/FAQ>. Acessado 10/11/2022.

otimizar sua qualidade de vida e aprimorar sua saúde e bem-estar físico, social, comunicativo, emocional, intelectual e espiritual.

“Zaqueu” permanece no “museu imaginário das canções”, parafraseando Lydia Goehr¹⁷. É nos lugares mais profundos do ser que a canção adormece protegida por muros. E quando despertada, colocada em movimento, seu eco começa a estremecer os muros ao redor, fazendo com que alguns desmoronem por completo semelhante ao movimento de demolição de uma obra. Outros, resistentes, caem em partes, abandonando um pedaço. E outros não caem facilmente, talvez nunca caiam. A luz está ali, pode ser vista pela fresta dos muros. Quando ao chão, a luz rompe o muro e toma conta do espaço. Eis aí um possível caminho para o sentido: encontrar-se consigo mesmo na música.

Considerações finais

Em seu Tratado de Musicoterapia, Thayer Gaston traz as seguintes colocações: “Conhecemos nossa música conhecendo a música do outro.”¹⁸ E ainda: “Há íntima relação entre música e religião, música e comportamento, música e memória.” Parece haver um lugar onde a canção permanece por um tempo, e depois sai em busca de outros lugares para exercer seu propósito: o de provocar efeitos e significados até encontrar o sentido e dar conta da existência. A canção é o despertar para que a música provoque conexões pela pessoa atendida e pelo terapeuta.

“O paciente precisa ser convencido e incentivado a se envolver com aquilo que mais o inquieta.”¹⁹ Quando chega “Zaqueu” convidado para ser o início da conversa e provoca incômodo, aí começa a suspeita de que é preciso trazer para a Musicoterapia exatamente o que inquieta. É no confronto entre a música e a pessoa que a experiência musical acontece. E, é no encontro desse resultado com o outro que inquietações são geradas e provocam a busca de respostas, no qual se estabelecem vínculos, portanto, a construção de um sentido.

Suspeita-se que a música possa fazer essa intermediação de forma eficaz e convincente, uma vez que ela se encontra com a pessoa sem a necessidade de palavras, de forma não-verbal, no campo das experiências que transcendem o próprio ser. Quando cantam, as pessoas entram em outro estado de relação com a canção. No contexto de saúde mental, enquanto se canta, instaura-

¹⁷ *The Imaginary Museum of Musical Works: An Essay in the Philosophy of Music*. Oxford University Press: New York, 1992. (O Museu Imaginário das Obras Musicais: ensaio em Filosofia da Música).

¹⁸ GASTON, 1968, p.32 apud Merrian, 1964, p.27

¹⁹ FRANKL, Viktor E. *A Psicoterapia na prática*. São Paulo: Editora Vozes, 2019. p. 42

se um processo de lampejos da consciência de si. E ao encontrar o significado, inicia-se o caminho para autotranscendência, para o sentido que está logo mais à frente.

Dos caminhos que se entrecruzam durante a jornada, a busca pelo sentido preconizada pelas mãos dadas da Logoterapia com a Musicoterapia, que se dá no mesmo tempo-espço, há algo que tange o objetivo em comum: o “lugar terapêutico”. Ou seja, a sessão psicoterapêutica ou a sessão musicoterapêutica se constituem como lugares de busca por algo que possa trazer a percepção de existência, de onde as coisas são, e se constituem pela materialidade, a música.

Este lugar é o de prestar cuidados, de buscar a cura para as condições que acometem o psicofísico, a consciência, o espiritual. É lugar de ser, de se perceber, de fazer escolhas e encontrar um sentido. Assim, a experiência musical através das canções de caráter religioso, que remetem à dimensão espiritual, e experienciadas nas sessões de musicoterapia, especificamente no contexto de Saúde Mental, é parte de um dos caminhos para o encontro de si, e a busca de seu sentido.

Essa consciência de si, de entregar-se a busca de algo, de chegar ao sentido em algum momento da vida, iluminada pela música, faz da canção a expressão maior deste desejo. E este desejo precisa ser percebido, acolhido e transformado por todos os atores do processo: a pessoa atendida, o musicoterapeuta, o médico, os enfermeiros, os familiares e toda a rede de relacionamento da pessoa.

Não é excluindo ou afastando as questões de cunho espiritual da discussão sobre possíveis tratamentos, que as neuroses, psicoses em forma de delírios e alucinações deixarão de se configurar como sintomas. Estes estarão sempre ao redor em maior ou menor grau e farão parte do trajeto de uma pessoa que recebeu um diagnóstico que faça jus aos sintomas relacionados. As dimensões do ser, segundo Viktor Frankl são: somática, psíquica e noológica, são importantes para resgatar o equilíbrio, a estrutura do ser.²⁰

É preciso compreender a música como organismo vivo, que estrutura, sensibiliza, organiza e reorganiza, que prova e provoca emoções, que é a forma de comunicação mais eficaz para dialogar com o espírito humano. Assim, entende-se que a presença das canções de cunho religioso nas sessões de Musicoterapia no contexto de Saúde Mental compõe a voz principal para que não somente um, mas que outros aportes terapêuticos possibilitem outras percepções sobre a pessoa, tornando os diagnósticos mais sensíveis e menos taxativos. E que conduzam à autonomia do ser,

²⁰ GRADIM, Fernanda Jaude, SILVEIRA, Daniel Rocha. *Contribuições de Viktor Frankl ao movimento de Saúde Coletiva*. Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies - XXI (2), julho/dezembro, 2015, p. 155 - 161.

ato responsável na busca de sentido, pois: “O sentido tem de ser encontrado, E ele só pode ser encontrado pela própria pessoa.”²¹

Referências

BÍBLIA. Novo Testamento. Lucas 19.1-10. In: BÍBLIA. Português. YouVersion (online). Tradução Nova Almeida Atualizada. Disponível em: <https://www.bible.com/pt/bible/1840/1CO.11.NAA>. Acesso em 01/11/2022.

BRUSCIA, Kenneth E. *Definindo musicoterapia*. Barcelona: Barcelona Publishers. 3ª edição, 2016.
DANESE, Régis. *Compromisso*. Álbum musical online. Disponível em: <https://som13.com.br/regis-danese/albums/compromisso>

FRANKL, Victor E. *A Psicoterapia na prática*. São Paulo: Editora Vozes, 2019.

FRANKL, Victor *A presença ignorada de Deus*. São Paulo: Editora Vozes & Editora Sinodal, 2016.

GASTON, Thayer E. *Tratado de Musicoterapia*. República Argentina: Editora Paidós, 1968.

GRADIM, Fernanda Jaude, SILVEIRA, Daniel Rocha. *Contribuições de Viktor Frankl ao movimento de Saúde Coletiva*. Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies - XXI (2): 153-161, jul-dez, 2015

NATTIEZ, Jean Jacques. *O combate entre Cronos e Orfeu – ensaios de semiologia musical aplicada*. São Paulo: Via Lettera, 2005.

NATTIEZ, Jean Jacques. *O exemplo de la Cathédrale Engloutie*. Porto Alegre: II Encontro da ANPPOM, 1989. Disponível: seer.unirio.br/revistadebates/article/view/4049/3701. Acesso em 24 de outubro de 2022.

²¹ Frankl, 2019, p. 32.